ATUALIDADE E RECEPÇÃO DO POEMA "QUEM SOU EU?", DE LUIZ GAMA

Allyne de Oliveira Andrade
Mestrado em Linguagem e Ensino - PPGLE
allyneliteramor@gmail.com

Naelza de Araújo Wanderley
PPGLE - UFCG
naelzanobrega@gmail.com

Janile Simony Rodrigues Bandeira
Mestrado em Linguagem e Ensino – PPGLE
janilesimony@hotmail.com

Introdução

A obra poética de Luiz Gama é conhecida pelo seu lado jocoso e mordaz. Apesar de estar relacionado à segunda geração do Romantismo no Brasil, seus poemas salientam uma proximidade maior com a terceira fase, ligada à sátira social. O caráter satírico é o aspecto predominante em sua obra, por isso seus poemas tornam-se atuais, sobretudo pelos temas abordados, como o racismo e o preconceito de classe. Poemas como "Sortimentos de gorras para gente do grande tom", "Quem sou eu?", "Lá vai um verso" e "Pacotilha" revelam a diversidade de temas e a percepção do poeta sobre a sociedade brasileira de sua época. Todavia, essa significativa produção ficou durante muito tempo fora das indicações de leitura na escola. Atualmente, observa-se que tem crescido o número de estudos sobre a obra de Luiz Gama e, aos poucos, os seus poemas, mesmo que de modo fragmentado, têm chegado à sala de aula.

Neste artigo, apresentamos uma apreciação do poema "Quem sou eu?", de Luiz Gama, e o relato de uma experiência em sala de aula com o referido texto. Buscamos observar como os jovens leitores captam o viés satírico que caracteriza a obra do poeta baiano.

A concepção de sátira menipeia formulada por Bakhtin (1981) liga-se de modo importante com a obra de Luiz Gama, por isso em nosso trabalho destacaremos algumas caraterísticas pontuadas pelo teórico russo, bem como as contribuições de Frye (1973), também acerca da sátira.

No desenvolvimento do nosso trabalho, optamos por uma metodologia centrada no diálogo entre texto e leitor através da leitura compartilhada. Para Colomer (2007), compartilhar as impressões sobre uma obra com outras pessoas é importante porque possibilita "nutrir-se" do outro, o que ajuda a construção de sentido. Consideramos também a importância da leitura mediada em sala de aula, o professor lendo com o aluno, levando-o a posicionar-se criticamente, questionando e refletindo sobre o texto.

2. A atualidade da sátira: breve leitura do poema "Quem sou eu?"

No poema "Quem sou eu?", Luiz Gama aponta os defeitos e vícios de uma sociedade preconceituosa e corrupta. Utilizando a palavra "bode" como metáfora, o

autor se dirige aos diversos tipos sociais na tentativa de mostrar que não há diferença entre as pessoas, sobretudo a diferença de cor de pele, tema central de seu poema.

Embora seja um texto que foi escrito por um negro, não há nenhum privilégio direcionado a esse grupo, ao contrário, a sátira de Luiz Gama não poupa ninguém. Além desse tema, o poeta critica qualquer espécie de corrupção e hipocrisia nas mais diversas classes, não poupando sequer os "intocáveis" das igrejas, até mesmo os "deuses" são dessacralizados em seu poema. Do ponto de vista estrutural o poema é composto por uma estrofe única com 138 versos com sete sílabas poéticas (redondilha maior); as rimas que permeiam o poema se assemelham aos dísticos do tipo (AABB), embora não permaneçam com as mesmas terminações ao longo do poema. Como se trata de um poema longo, no decorrer de nossa leitura convocaremos algumas estrofes para exemplificar os aspectos da sátira menipeia presente na poesia de Luiz Gama, bem como ressaltar sua atualidade.

Inicialmente, Luiz Gama traz uma epígrafe extraída do poema "Ninguém", de Augusto Emílio Zaluar (poeta português naturalizado no Brasil), que serve como uma espécie de resumo do que será abordado no poema "Quem sou eu". Podemos observar a epígrafe abaixo:

> Quem sou eu? Que importa quem?
> Sou um trovador proscrito,
> Que trago na fronte escrito
> Esta palavra sim – Ninguém!
> (A.E.Zaluar – Dores e flores)

Nessa quadra o eu-lírico se apresenta como proscrito, como alguém que foi vetado/banido e enfatiza tal estado ao dizer que traz na fronte a palavra "ninguém. Um aspecto importante de "Quem sou eu?" é o caráter metalinguístico, como na passagem "Faço versos, não sou vate*"* e ainda na concepção de poeta que aparece no poema. Nos versos 19 a 30, Gama faz uma reflexão sobre essa questão:

Sei que é louco e que é pateta
Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes,
Compram negros e comendas,
Tem brasões, não – das Calendas,
E com Tretas e com furtos
vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
só pela "arte do Vieira"
E com jeito e proteções
Galgam altas posições!

Observa-se que o poema fala de um eu-lírico que faz versos, mas que não se considera certo tipo de poeta, o vate (o inspirado), pois configura em sua poesia uma função social. Ressaltamos que estamos falando de poeta no sentido romântico, pois podemos verificar que há uma desidealização do romantismo através das palavras: pateta/ poeta.

O eu-lírico faz referência ao Século das Luzes, remetendo ao Iluminismo – movimento intelectual que se desenvolveu durante o século XVIII na Europa e que defendia o uso da razão e do conhecimento – e, por consequência, ao fato de se deparar com situações contrárias a esse movimento, como, por exemplo, a compra de negros e comendas (benefícios concedidos antigamente a eclesiásticos e a cavaleiros de ordens militares, sendo que a concessão era feita pelo Papa).

Nos próximos versos, de 43 a 50, veremos o viés satírico do autor de forma mais intensa:

Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça
– Faz a todos injustiça –
com rigor deprime o pobre,
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
só acha horrendo crime
No mendigo que deprime.

Um dos temas recorrentes na poesia de Luiz Gama é a corrupção. Nas estrofes destacadas acima, pode-se observar a questão da hipocrisia e da corrupção dos magistrados que agem de maneira injusta por não julgar com severidade os nobres, tratando, todavia, os pobres (marginalizados) de modo autoritário.

Outros aspectos da sátira sinalizados por Bakhtin (1981) e Frye (1973) estão presentes no poema. Vejamos os versos abaixo:

Fujo as léguas do lojista,
Do beato e do *sacrista* –
Crocodilos disfarçados,
que se fazem de honrados,
Mas que tendo ocasião,
São mais feros que o leão.

A sátira também tem como característica disseminar princípios morais, visando combater alguns vícios da sociedade de forma sarcástica e é isso que Luiz Gama faz na estrofe acima. Nas palavras de Frye (1973), "o satirista tem de selecionar suas absurdidades e o ato de selecionar é um ato moral" (p. 220).

Nos versos acima, o poeta não demonstra nenhum tipo de piedade, pelo contrário, expõe de forma crítica sua visão sobre o beato e o sacrista, dessacralizando a imagem de pessoas que deveriam ser exemplos da boa conduta. Dentro dessa perspectiva, podemos perceber um dos traços da sátira menipeia de Bakhtin (1981) – as declarações inoportunas, violações às normas e às etiquetas comportamentais de discurso.

Uma das características da sátira é a produção do riso. Nas palavras de Bakhtin (1981, p. 98), "a menipeia aumenta globalmente o peso específico do elemento cômico". Podemos notar tal característica nos versos 93 a 100:

Aqui n'esta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas[,]
Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas

A metáfora de pessoas como bodes que marram produz o riso. A elevação excessiva do elemento cômico e o surgimento dos tipos nas camadas da sociedade são características presentes na sátira menipeia, elementos que Luiz Gama retoma de forma veemente em seu poema. Conforme Bakhtin (1981), "a menipeia gosta de jogar com passagens bruscas, o alto e o baixo, ascensões e decadências" (p. 101). Nas estrofes acima temos o homem e o bode, os opostos sendo comparados, sobretudo se formos pensar na ausência de refinamento do bode.

Nos últimos versos, Luiz Gama não exclui sequer os deuses, ao aludir à imagem de Jove (deus romano) chupitando leite caprino e também estabelece um vínculo entre Fauno e o bode ao dizer "E segundo antigo mito/ também Fauno foi cabrito" (segundo mito, Fauno seria um deus, protetor dos pastores e rebanhos, que possui cabeça de homem e corpo de bode). Além disso, o poeta desmistifica a imagem de uma prática religiosa ao dizer que "um bode guarda o alcorão".

Segundo Bakhtin (1981), "quase toda denúncia se bastante vigorosa, é seguida pelo leitor com uma espécie de prazer que logo raia o riso". É o que pode ser observado nos versos abaixo:

Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. –
O amante de Siringa
Tinha pêlo e má catinga;
O deus Mendes, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:

Pois se todos têm rabicho,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,

Folgue e brinque a bodaria;
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é *bodarrada*! –

Frye (1973, p. 221) ao discorrer sobre a sátira, afirma que "chamar um homem de porco ou jaritaca ou uma mulher de cadela proporciona uma satisfação fortemente limitada, pois muitas das qualidades desagradáveis do animal são projeções humanas". E é justamente por meio dessa perspectiva, que o autor elabora tais comparações com animais.

De modo geral, nota-se que o elemento cômico está presente em todo o poema, mas de forma mais enfática nos últimos versos em que o eu-lírico pergunta: "Pois se todos têm rabicho/ Para que tanto capricho?". Desse modo, o poeta finaliza propondo uma reflexão: se não há diferenças entre os seres humanos, por que alguns se consideram superiores?

Feita esta rápida leitura, passemos à experiência na sala de aula com o poema. Nela pudemos perceber que uma das coisas que mais chamou a atenção dos alunos foi a atualidade temática. Essa aproximação dos leitores com a obra literária envolvendo temas atuais acabou provocando a interação dos alunos com o texto.

3. Atualidade e recepção do poema "Quem sou eu?"

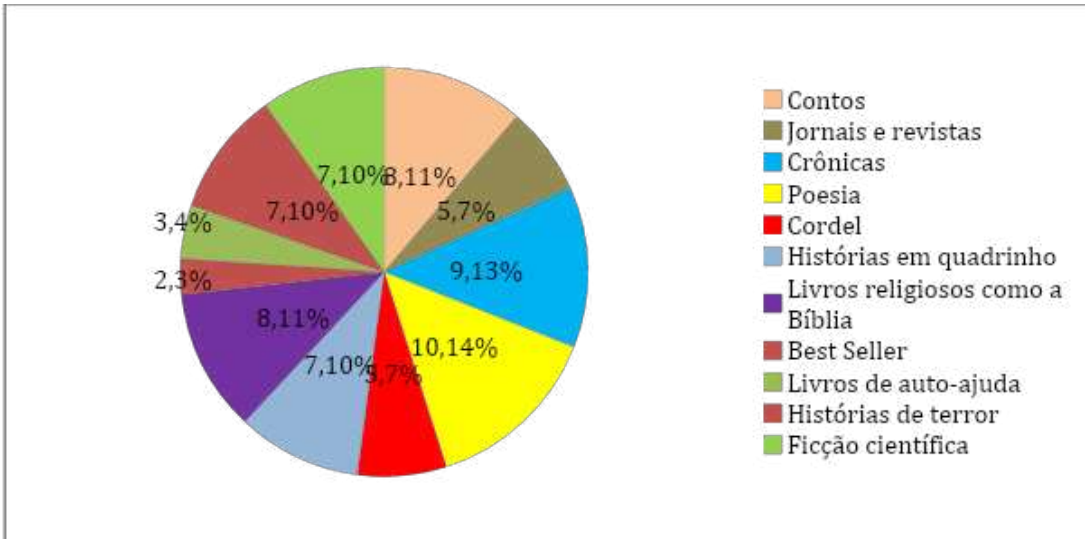
A experiência aconteceu numa escola da rede pública na cidade de Campina Grande-PB. O experimento foi realizado com uma turma do segundo ano do ensino médio composta por 30 alunos, dentre eles apenas 14 aceitaram que os resultados fossem divulgados, por isso relataremos aqui apenas as impressões dos colaboradores que concordaram.

Aplicamos um questionário e através das respostas elaboramos um breve perfil dos participantes desta pesquisa. Pudemos observar, por exemplo, o que os alunos costumavam ler fora da escola, que relação tinham com a poesia e se gostavam de textos com humor.

Elaboramos perguntas simples, mas todas objetivavam conhecer ao máximo o nosso público leitor para que pudéssemos levar para a sala de aula não apenas os textos que gostaríamos, mas também textos que atenderiam o horizonte de expectativas dos alunos.

Quanto ao gosto pela leitura, dos 14 alunos apenas 1 marcou que não gosta de ler. Quanto ao tipo de leitura que eles realizam, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 1 – Questionário respondido pelos colaboradores – 8ª questão – Que tipo de leitura você mais gosta? (Podem assinalar mais de uma alternativa)



Fonte (ANDRADE, 2018)

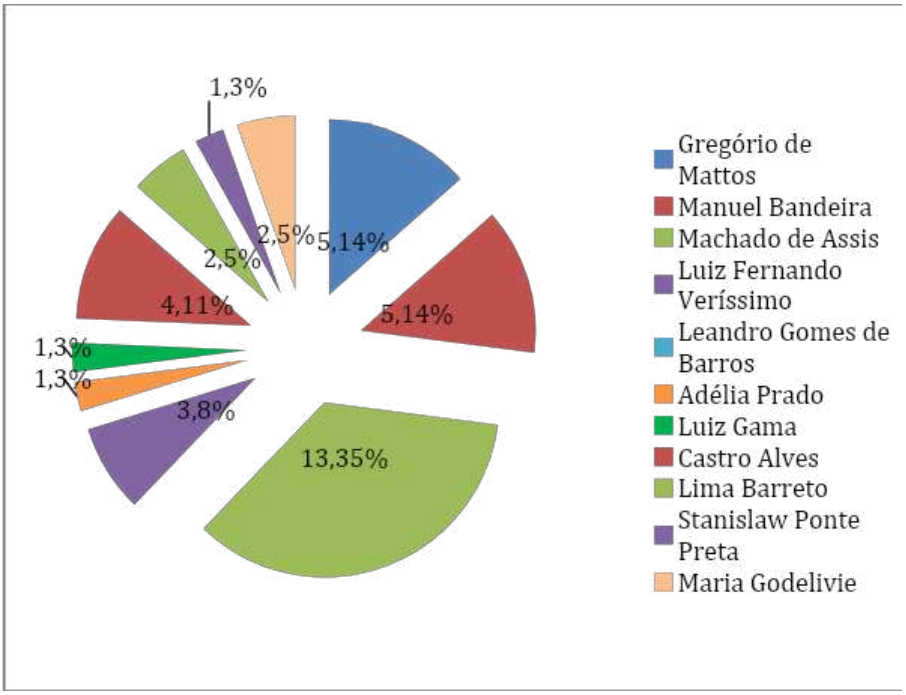
Como podemos ver no gráfico acima, a poesia foi a mais citada, seguida do gênero crônica, contos e livros religiosos. Em outra questão anterior, pedimos para os alunos comentarem o que liam fora da escola e apenas 3 alunos tinham colocado o gênero poema. O que parece ser contraditório com o gráfico exposto. Os dados revelam que os alunos têm alguma aproximação com a poesia, mas que estão lendo pouco. Pudemos comprovar essa afirmação após observar as respostas da seguinte questão: Qual a sua relação com a poesia? 12 alunos marcaram a alternativa "Gosto, mas leio pouco", 1 aluno assinalou a alternativa "Conheço, mas nunca li" e apenas 1 aluno assinalou a opção "Gosto muito e leio com frequência". Através dessas respostas pudemos observar que a maioria gosta de poesia, mas lê pouco. Significa dizer que mesmo gostando do gênero, os alunos estão tendo pouco contato com a poesia, seja na escola ou fora dela.

Como pretendíamos desenvolver um trabalho com textos satíricos que possuem um viés humorístico, também precisávamos descobrir se os alunos gostavam de textos com humor. Para tanto, elaboramos a seguinte questão: "Você gosta de ler histórias de humor? Caso sua resposta seja afirmativa, cite algumas histórias de humor que você tenha lido e gostado". A partir das respostas dos 14 alunos verificamos que 2 não gostavam de histórias de humor, 1 deixou a resposta em branco, 1 afirmou gostar desse tipo de texto e indicou a leitura em sites de humor e 11 disseram que gostavam, mas não

lembravam de nenhuma história no momento, exceto um aluno que citou a Turma da Mônica – história em quadrinhos muito apreciada por crianças e adolescentes.

No questionário, também julgamos importante apresentar uma lista de escritores para que eles assinalassem os nomes que tinham sido lidos em sala de aula. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Questionário respondido pelos colaboradores – 12ª questão – Abaixo segue uma lista com alguns autores da literatura brasileira; marque apenas os autores que você já leu em sala de aula.



Fonte (ANDRADE, 2018)

Como podemos ver Machado de Assis foi apontado como o mais lido em sala de aula, na sequência, os autores Gregório de Mattos de Luiz Fernando Veríssimo. Significa dizer que a leitura de autores cristalizados continua sendo privilegiada nas escolas, acreditamos que a causa maior seja a rotulação presente nos livros didáticos, em que apenas alguns autores são destacados. Um ponto positivo desse gráfico é que os autores mais citados possuem textos satíricos, sobretudo o poeta Gregório de Mattos.

Através dos dados coletados por meio do questionário, concluímos que o contato que esses alunos tiveram durante o primeiro ano do ensino médio e o início do segundo ano com a literatura foi um pouco raso. No entanto, também foi perceptível o interesse dos alunos por autores desconhecidos e por tipos de textos que não estavam vendo com frequência, como, por exemplo, livros de aventura, poesia e cordel.

Para realizarmos a leitura do poema "Quem sou eu?", nos baseamos no pressuposto de que trata Colomer (2007) acerca da leitura compartilhada, entendendo esse tipo de leitura não como uma divisão de partes a serem lidas, mas como um momento de compartilhamento de experiências a partir do texto literário. Também nos apoiamos nos procedimentos metodológicos sugeridos por Aguiar e Bordini (1988), desde o atendimento dos horizontes de expectativas dos alunos até a ampliação desses horizontes.

Iniciamos a aula perguntando aos alunos se alguém tinha alguma experiência ou contato com o bode (animal). Todos começaram a falar ao mesmo tempo. O aluno[24] G.S disse: "meu pai mata bode". Os demais alunos riram. A aluna E.T disse que já havia criado bode. Já a aluna C.N afirmou que já comeu a carne e que adora. Em seguida, perguntamos se algum aluno já havia chamado alguém de bode. Um dos alunos disse que sim e, ao comentar a situação, contou que já chamou o colega de olho de bode, para dizer que o olho era grande. Posteriormente, colocamos no quadro a expressão "bodarrada" e perguntamos o que os alunos achavam que significava. As respostas foram as mais variadas. Listamos no quadro cada hipótese levantada pela turma, vejamos abaixo algumas delas:

Bodarrada é?

Uma bagunça de pessoas.
Uma festa com muito bode.
Uma comida.
Uma cidade.
Uma raça de bode.
Vários bodes juntos.

Após esse levantamento, questionamos: E da internet, o que vocês conhecem sobre bode? O aluno E.S apressadamente respondeu: o "bode gaiato". Logo depois entregamos para a turma alguns memes do bode gaiato e dissemos que poderiam trocar entre eles. Assim que os alunos recebiam já iam lendo e rindo bastante. Após a entrega, pedimos para que cada aluno fosse lendo seu meme para os demais. Iremos expor abaixo apenas um dos memes que foi lido em voz alta pelo aluno E.S:

Meme presente na página virtual do facebook dedicada ao bode gaiato



Fonte: https://www.facebook.com/BodeGaiato/

Os alunos ficaram animados com o compartilhamento de memes. Até a aluna F.C, que era tímida, leu pela primeira vez para todos. Após esse momento, perguntamos aos alunos qual era a intenção dos memes do bode gaiato. Alguns responderam que a

[24] Os nomes dos alunos serão representados a partir das primeiras letras do primeiro e segundo nome para efeito de preservação dos sujeitos e respeito à ética que envolve o nosso trabalho.

intenção era fazer rir. Comentamos também com a turma que além de fazer rir, alguns memes também podem fazer uma espécie de crítica.

A turma, como um todo, demonstrou interesse durante a brincadeira com os memes e o levantamento de inferências acerca da expressão "Bodarrada". Ainda não tínhamos feito a leitura, contudo notamos um significativo envolvimento dos alunos e, assim, acreditamos ter alcançado o que Cosson (2009) propõe em uma de suas etapas de leitura, a "motivação". O referido autor afirma que "A motivação consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo a ser lido" (Cosson, 2009, p. 77).

Após a atividade motivacional, dissemos aos alunos que essa brincadeira em torno da figura do bode não é de agora, que iríamos ler um poema intitulado "Quem sou eu?", de Luiz Gama, conhecido popularmente como "Bodarrada". Perguntamos se os alunos já tinham ouvido falar nesse poema, mas apenas um respondeu que havia visto um vídeo no "Giramundo".

Na sequência, entregamos a cópia do poema para os alunos e explicamos que iríamos fazer a leitura oralmente e que eles poderiam anotar no caderno alguma expressão ou estrofe que chamasse atenção no decorrer da leitura. Quando entregamos o poema, notamos que alguns alunos ficaram impressionados com o seu tamanho e ficavam cochichando entre si. Mas quando iniciamos a leitura, quase todos ficaram em silêncio, prestando atenção.

Ao final da leitura, perguntamos aos alunos o que acharam do texto de modo geral. A aluna E.T comentou que o poema falava que não havia diferença entre bodes. Em seguida, indagamos: será que esse bode pode remeter a alguma coisa? O aluno G.L comentou que provavelmente seria uma metáfora para falar sobre as pessoas. O aluno L.G também complementou dizendo que o texto faz uma crítica a pessoas que agem de um determinado modo e a aluna E.T participou dizendo que seria um modo de demonstrar que não há diferença entre as pessoas.

Perguntamos o que mais os alunos tinham observado no texto e eles disseram que perceberam a questão da crítica feita às pessoas que se corrompem. A aluna E.T também comentou sobre a questão do racismo abordada no poema ao referir-se aos bodes brancos e pretos. O aluno A.N também comentou que havia gostado da leitura porque o texto o fazia refletir sobre a questão da condição humana.

Desse modo, podemos dizer que mesmo sem ter um conhecimento sobre a teoria, os alunos conseguiram destacar uma das características da sátira apontada por Bakhtin (1981), que é a "ousadia no trabalho com a invenção combinada com um universalismo filosófico, apoiando-se numa reflexão sobre a vida humana". Os alunos conseguiram observar essa relação devido à atualidade dos temas presentes no poema.

Em seguida, propusemos que os alunos comentassem sobre alguma estrofe ou verso que tinham gostado ou despertado a atenção. O aluno L.G leu a estrofe que se referia aos santinhos também chamados de bodes no poema. Na leitura do aluno, o eu-lírico estava fazendo uma crítica, até mesmo, às divindades. Concordamos com o aluno e explicamos que era isso mesmo, no poema, ninguém escapava das críticas, nem mesmo os santinhos.

Conforme Bakhtin (1981), "a menipeia é plena de contrastes agudos e jogos de oximoros: a hetera virtuosa, a autêntica liberdade do sábio e sua posição de escravo, o imperador convertido em escravo, a decadência moral e a purificação, o luxo e a miséria, o bandido nobre, etc." (p. 101). No poema em estudo, as divindades são deslocadas do lugar de santidade e colocadas metaforicamente como "bodes", ou seja,

como um animal comum.Gostamos da participação da turma. Tínhamos dúvidas em relação à recepção do poema, pelo fato de ele ser longo. No dia seguinte, fizemos a releitura do poema chamando a atenção dos alunos para as palavras "diferentes" empregadas pelo poeta. Perguntávamos se sabiam o que significava e quando não sabiam, nós perguntávamos o que imaginavam que era pelo contexto do poema. Muitas das vezes, os alunos acabavam descobrindo o sentido das palavras sem que fosse necessária a definição conforme o dicionário.

Os alunos L.G, G.S e L.B afirmaram que o autor tinha predileção por palavras antigas. Achávamos que a linguagem empregada por Luiz Gama poderia ser um fator complicado, pelo fato de possuir um vocabulário em desuso para a época atual, mas foi justamente o contrário. No entanto, devemos esse êxito não apenas ao poema, mas também ao "bode gaiato". A ideia de partir de algo presente no cotidiano dos alunos influenciou positivamente na leitura.

Após a discussão, perguntamos se os alunos já tinham visto esse texto em algum lugar. No entanto, todos disseram que não. Informamos aos alunos que esse poema era o mais conhecido de Luiz Gama e aproveitamos para comentar brevemente sobre a vida e obra deste. Explicamos a importância de conhecer novos autores que não são contemplados nos livros didáticos por algum motivo.A experiência com outros textos satíricos que utilizamos na sala de aula superou nossas expetativas. Os alunos participavam e conseguiam se posicionar, demonstravam senso crítico em suas respostas. A aproximação dos textos com a vida de cada leitor[25] fez com que os alunos percebessem a atualidade do poema e de outras narrativas que foram lidas em sala de aula.

Considerações finais

A experiência resultante desse trabalho nos fez perceber que o ensino de literatura não é um processo simples e requer uma atenção constante no que diz respeito ao planejamento, à metodologia de ensino e, sobretudo, ao trabalho reflexivo do professor sobre sua prática. A recepção do poema "Quem sou eu?", de Luiz Gama, aponta para o fato de que é possível promover atividades de leitura literária que oportunizem experiências baseadas no diálogo e na reflexão. É importante destacar também que a relação do aluno com o texto na escola parte, sobretudo, da mediação do professor. Em nosso trabalho, as estratégias utilizadas para a realização de atividades de leitura e a aproximação dos textos com o cotidiano dos discentes, pôde estimulá-los a atribuir significados aos textos. A ideia de trabalhar com memes do bode gaiato antes de partir para a leitura despertou o interesse dos alunos e facilitou a interação entre eles. Desse modo, não sentiram muita dificuldade com o vocabulário empregado pelo poeta e conseguiram se posicionar criticamente sobre os temas abordados no poema, inclusive comparando algumas estrofes com determinados contextos políticos do Brasil.

Quanto à recepção dos textos satíricos, podemos dizer que se deu a partir da aproximação dos textos com a realidade dos alunos, isso devido à atualidade dos temas abordados no poema em estudo. Também é importante ressaltar que mesmo sem o

[25] Foram realizadas leituras de outros textos satíricos: "Pacotilha", de Luiz Gama, *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros, "A vontade do falecido" e "Conversa de viajantes", de Stanislaw Ponte Preta. O trabalho completo resultou em uma Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG: A recepção da sátira na escola entre a poesia e a prosa.

conhecimento da teoria, os alunos, durante as discussões, mencionaram características da sátira menipeia ao terem atentado para o caráter reflexivo e jocoso do poema.

É válido destacar o ganho metodológico do experimento, sobretudo do ponto de vista reflexivo sobre nossa prática em sala de aula. O fato de termos trabalhado com um poema que possui um viés humorístico facilitou a interação em sala de aula, pois os alunos riam e compartilhavam algumas histórias já vivenciadas por eles. Dessa forma, cultivávamos não apenas o gosto pelo texto, mas também a capacidade de ouvir o outro e aprender através de outras experiências.

Referências:

AGUIAR, Vera Teixeira. BORDINI, Maria da Glória. **A formação do Leitor:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANDRADE, Allyne de Oliveira. **A dimensão satírica da poesia de Luiz Gama**/ Allyne de Oliveira Andrade. – Campina Grande, 2016. Trabalho de conclusão de curso.

ANDRADE, A. de O. **A recepção da sátira na escola: entre a poesia e a prosa**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019. Disponível em: http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/11806

ANDRADE, A. de O., WANDERLEY, N. de A. (2019). **A sátira em Luiz Gama: uma leitura do poema "Quem sou eu?"**. A cor das Letras, 20(3), 128-142.

BAKHTIN, Mikhail. Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski in **Problemas da poética de Dostoiévski**/Mikhail Bakhtin; tradução de Paulo Bezerra. – Rio de Janeiro: Ed. Forense- Universirária, 1981, p. 87-155.

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os "livros de leitura". In. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. [Tradução: Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA, Ligia Fonseca. **Primeiras Trovas Burlescas & outros poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRYE, Northrop. O mythos do inverno: a Ironia e a Sátira In **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

JAUSS, Hans Robert**. A história da literatura como provocação à teoria literária** trad.de Sérgio Tellaroli). São Paulo: Ática, 1994.

PINHEIRO ALVES, José Hélder. Pesquisa em literatura e ensino: a contribuição da estética da recepção. In: ARANHA, Simone Gusmão; PEREIRA, Tânia Maria Augusto;

ALMEIDA. Maria de Lourdes Leandro, (Orgs.) **Gêneros e linguagem**: diálogos abertos. João Pessoa. EDUFPB, 2009, p. 129-140.

SILVA, Júlio Romão da. **Luís Gama e suas poesias satíricas**, 2 ed. Ver. E aum – Rio de Janeiro: Cátedra: Brasília: INL, 1981.